



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 21 de Julho de 1982

No mistério da redenção do corpo a esperança da vitória sobre o pecado

1. "Também, nós próprios, que possuímos as premissas do Espírito, gememos igualmente em nós mesmos, aguardando... a redenção do nosso corpo" (*Rom 8, 32*). São Paulo na carta aos Romanos vê esta "redenção do corpo" *numa dimensão antropológica e ao mesmo tempo cósmica*... A criação "de facto foi submetida à vaidade" (*Rom 8, 20*). Toda a criação visível, todo o cosmos traz em si os efeitos do pecado do homem. "Toda a criação tem gemido e sofrido as dores do parto" (*Rom 8, 22*). E ao mesmo tempo toda "a criação aguarda ansiosa a revelação dos filhos de Deus" e "foi com a esperança de ser ela também libertada da servidão da corruptela, para participar, livremente, da glória dos filhos de Deus" (*Rom 8, 19.20-21*).

2. A redenção do corpo é, segundo Paulo, objecto da esperança. Esta esperança foi enxertada no coração do homem, em certo sentido logo a seguir ao primeiro pecado. Basta recordar as palavras do livro do Génesis, que são tradicionalmente definidas como o "proto-evangelho" (cf. *Gén 3, 15*) e portanto, poderemos dizer, como o início da Boa Nova, o primeiro anúncio da salvação. A redenção do corpo liga-se, segundo as palavras da carta aos Romanos, precisamente com esta esperança na qual — como lemos — "nós fomos salvos" (*Rom 8, 24*). *Mediante a esperança*, que remonta aos próprios inícios do homem, a redenção do corpo tem a sua dimensão antropológica: é a redenção do homem. Contemporaneamente ela irradia-se, em certo sentido, sobre toda a criação, que desde o início esteve ligada de modo particular ao homem e a ele subordinada (cf. *Gén 1, 28-30*). A redenção do corpo é, portanto, a redenção do mundo: tem uma dimensão cósmica.

3. Apresentando na carta aos Romanos a imagem "cósmica" da redenção, Paulo de Tarso coloca

no seu próprio centro o homem, assim como "no princípio" este tinha sido colocado no centro mesmo da imagem da criação. É precisamente o homem, são os homens, aqueles que possuem "as premissas do Espírito", que gemem interiormente, esperando a redenção do seu corpo (cf. *Rom 8, 23*). Cristo, que veio para desvelar plenamente o homem ao homem, tornando-lhe conhecida a sua altíssima vocação (cf. *Gaudium et spes, 22*), fala no Evangelho da mesma *divina profundidade do mistério da redenção*, que precisamente n'Ele encontra o seu específico sujeito "histórico". Cristo, portanto, fala no nome daquela esperança, que foi enxertada no coração do homem já no "proto-evangelho". Cristo dá cumprimento a esta esperança, não só com as palavras do Seu ensinamento, mas sobretudo com o testemunho da Sua morte e ressurreição. Assim, portanto, a redenção do corpo já se realizou em Cristo. N'Ele foi confirmada aquela esperança, na qual "nós fomos salvos". E, ao mesmo tempo, aquela esperança foi reaberta de novo para a sua definitiva realização escatológica. "A revelação dos filhos de Deus" em Cristo foi definitivamente dirigida para aquela "liberdade e glória", que devem ser definitivamente participadas pelos "filhos de Deus".

4. Para compreender tudo o que abrange "a redenção do corpo", segundo a carta de Paulo aos Romanos, é necessária uma autêntica teologia do corpo. Procurámos construí-la, referindo-nos primeiro que tudo às palavras de Cristo. Os elementos constitutivos da teologia do corpo estão encerrados no que diz Cristo, aludindo ao "princípio", em relação com o pedido acerca da indissolubilidade do matrimónio (cf. *Mt 19, 8*), naquilo que Ele diz da concupiscência, apelando para o coração humano, no Sermão da Montanha (cf. *Mt 5, 28*), e também no que diz aludindo à ressurreição (cf. *Mt 22, 30*). Cada um destes enunciados encerra em si um rico conteúdo de natureza tanto antropológica como ética. Cristo fala ao homem — e fala do homem: do homem que é "corpo", e que foi criado como varão e mulher à imagem e semelhança de Deus; fala do homem, cujo coração está submetido à concupiscência, e por fim do homem, diante de quem se abre a perspectiva escatológica da ressurreição do corpo.

O "*corpo*" significa (segundo o livro dos Génesis) o aspecto visível do homem e a sua atribuição ao mundo visível. Para São Paulo ele significa não só esta atribuição, mas também por vezes o alienar-se do homem sob o influxo do Espírito de Deus. Um e outro significado mantêm-se em relação com a "redenção do corpo".

5. Como, nos textos precedentemente analisados, Cristo fala da profundidade divina do mistério da redenção, as *Suas palavras servem precisamente àquela esperança*, de que se fala na carta aos Romanos. "A redenção do corpo" segundo o Apóstolo é, afinal, aquilo que nós "esperamos". Assim esperamos precisamente a *vitória escatológica sobre a morte*, à qual Cristo deu testemunho sobretudo com a sua ressurreição. A luz do mistério pascal, as Suas palavras sobre a ressurreição dos corpos e sobre a realidade do "outro mundo", registadas pelos Sinópticos, adquiriram a sua plena eloquência. Tanto Cristo como Paulo de Tarso proclamaram o apelo à abstenção do matrimónio "por amor do Reino dos céus", exactamente em nome desta realidade escatológica.

6. Todavia, a "redenção do corpo" exprime-se não só na ressurreição como vitória sobre a morte. Está presente também nas palavras de Cristo, dirigidas ao homem "histórico", quer quando elas confirmam o princípio da indissolubilidade do matrimónio, como princípio proveniente do Criador mesmo, quer também quando — no Sermão da Montanha — Cristo convida a vencer a concupiscência, isto mesmo nos movimentos unicamente interiores do coração humano. De um e de outro destes enunciados-chaves é necessário dizer que se referem à *moralidade humana*, têm um *sentido ético*. Aqui trata-se não da esperança escatológica da ressurreição, mas da esperança da vitória *sobre o pecado*, que pode ser chamada esperança de cada dia.

7. Na sua vida quotidiana, o homem deve ir buscar ao mistério da redenção do corpo a inspiração e a força para vencer o mal que está adormitado em si sob a forma da tríplice concupiscência. O homem e a mulher, ligados no matrimónio, devem desempenhar quotidianamente o encargo da indissolúvel união daquela aliança, que estipularam entre si. Mas também um homem e uma mulher, que voluntariamente escolheram a continência por amor do Reino dos céus, devem dar quotidianamente um testemunho vivo da fidelidade a tal escolha, escutando as directrizes de Cristo no Evangelho e as do Apóstolo Paulo na primeira carta aos Coríntios. Seja como for, trata-se da *esperança de cada dia*, que, à medida dos normais encargos e das dificuldades da vida humana, ajuda a vencer "com o bem o mal" (*Rom 12, 21*). Com efeito, "na esperança nós fomos salvos": a esperança de cada dia manifesta a sua potência nas obras humanas e mesmo até nos movimentos do coração humano, brindo caminho, em certo sentido, para a grande esperança escatológica ligada com a redenção do corpo.

8. Penetrando na vida quotidiana com a dimensão da moral humana, a redenção do corpo ajuda, primeiro que tudo, a *descobrir todo este bem, em que o homem ganha a vitória sobre o pecado e sobre a concupiscência*. As palavras de Cristo, que derivam da divina profundidade do mistério da redenção, permitem descobrir e reforçar aquele laço, que existe entre a dignidade do ser humano (do homem ou da mulher) e o significado sponsal do seu corpo. Permitem compreender e realizar com base naquele significado, a liberdade completa do dom, que num modo se exprime no matrimónio indissolúvel, e no outro mediante a abstenção do matrimónio por amor do Reino de Deus. Por estes caminhos diversos, Cristo desvela plenamente o homem ao homem, tornando-lhe conhecida a "sua altíssima vocação". Esta vocação está inscrita no homem segundo todo o seu *compositum* psicofísico, precisamente mediante o mistério da redenção do corpo.

Tudo isto, que procurámos fazer no decurso das nossas meditações, para compreender as palavras de Cristo, tem o seu fundamento definitivo no mistério da redenção do corpo.

Oração a Nossa Senhora de Jasna Gora /24

Mãe da Igreja!

A tua efígie em Jasna Gora é um particular *senal da Igreja*, que há mil anos realiza a sua missão em terra polaca. Tu, ó Mãe, *estás presente na missão da Igreja*, como estiveste presente, por divina eleição, na missão messiânica de Cristo. O Concílio reconfirmou e explicou de novo esta verdade.

A Igreja é o Povo de Deus crescido da *herança dos Apóstolos* e com ela solidamente unido.

A Igreja realiza a sua missão salvífica entre todas as Nações da Terra.

Há muitas gerações que a Igreja realiza a sua missão salvífica dentro da nossa Nação.

Nas contínuas provas da história está com a Nação. Esteve com ela *ontem — está-o hoje*.

Ó Mãe! Que a Igreja em terra polaca fixe o olhar de modo penetrante sobre o teu Rosto, para aprender de Ti a maternidade espiritual. *A maternidade é o mais singular laço com o homem*: com o homem que vive na comunidade da própria Nação.

A Igreja em terra polaca deu particular testemunho deste laço nos últimos tempos. Um vivo símbolo deste laço é a figura do Padre Maximiliano Kolbe, cuja canonização esperamos no ano corrente. .

Ó Mãe! Que este *laço* continue a perseverar, baseado *sobre a missão salvífica* da Igreja, segundo o modelo de Cristo mesmo e da Serva do Senhor!

A Nação Polaca no decurso dos séculos perseverou na fidelidade à Igreja e à Sé Apostólica.

No curso dos dias difíceis do tempo actual a Igreja deseja, de modo particular, estar com *a Nação ao serviço da verdade* e da liberdade de cada filho e filha da terra polaca.

Saudações

Saúdo os queridos ouvintes de língua portuguesa, com afecto em Cristo!

Ao desejar a todos que brilhe em sua vida a esperança da Redenção, quero saudar, em especial, o Coral da Câmara de Niterói, do Brasil: muito grato pela vossa presença aqui e pela beleza e vida com que enriqueceste este encontro. Continuai a semear a alegria e a esperança nos corações dos homens, a ajudá-los a elevarem-se para o Deus-Amor e a comungarem os ideais da fraternidade, da paz e do amor.

A todos, e aos que vos são queridos, dou a Bênção Apostólica.

Aos peregrinos de *língua francesa*

Tenho a alegria de saudar o grupo de peregrinos que vem da Terra Santa com os Padres Franciscanos, seus párocos.

Vós sois, queridos Irmãos e Irmãs, os fiéis da Igreja de Jerusalém, a "Igreja-Mãe". Agradeço-vos o afecto filial que, com a vossa visita, me manifestais. A vós e aos vossos irmãos que viveis nos lugares santificados pela presença de Jesus, está, em certo sentido, confiada a missão de testemunhar de modo muito especial a fé e o amor cristãos; e assim vós fareis, dos santuários da Terra de Cristo, não monumentos vazios e mudos, mas recordações eloquentes da vida, da morte e da ressurreição do nosso Salvador.

Não é tarefa fácil. Entre os muitos obstáculos há esta situação de conflito que existe no Próximo Oriente e que divide as populações. A guerra tornou-se ali mais intensa nestes dias, com as suas funestas consequências: vítimas, destruições, e também ressentimentos exacerbados. Num tal contexto, os cristãos da Palestina são chamados a mostrar que, ao reivindicarem o reconhecimento dos seus direitos, são inspirados por pensamentos de justiça e de amor e não pelo ódio contra os outros.

Sabei que o Papa reza pela paz e a reconciliação na terra de Jesus, Príncipe da Paz, e que está junto dos seus filhos católicos da Terra Santa: que a sua vida cristã seja sustentada pela graça divina e a protecção de Maria.

Saúdo também os anciãos membros da Conferência de São Vicente de Paulo, que há pouco se encontravam na terra africana de Orão e presentemente vivem na região de Marselha.

Queridos amigos, sei quanto a imagem e a espiritualidade de São Vicente impregnaram as vossas almas e a vossa acção caritativa, sempre discreta e perseverante. Faço votos por que vivais a presente etapa da vossa vida na paz de Cristo e irradiéis sempre a sua caridade. Abençoo-vos de todo o coração.

Agradeço especialmente a visita dos membros do coro interdiocesano do Colégio de São Luís de Gonzaga, de Ninove, do seu Padre Director e dos seus parentes, vindos a Roma para festejar o vigésimo aniversário desta fundação. A todos e a cada um, desejo que conservem sempre um zelo ardente pela dignidade e a beleza do culto divino. E que Cristo Redentor, a quem cantais todos os anos os louvores pela sua obra de salvação, vos recompense e vos abençoe!

Aos peregrinos de *língua inglesa*

Desejo saudar os membros dos coros hoje aqui presentes. Faço extensivas as boas-vindas ao "Gouldburn Consort of Voices" da Austrália; e também ao Coro do Santuário Nacional da Imaculada Conceição, nos Estados Unidos. A vossa visita recordou-me com alegria a minha permanência em Washington.

E, finalmente, as minhas boas-vindas vão também para os visitantes de Natal na África do Sul e os peregrinos dos vários continentes e países do mundo. Deus vos abençoe!

A dois grupos de peregrinos japoneses

Deus seja -louvado! A guerra é obra humana. A guerra é destruição da vida humana. A guerra traz a morte. Com estas palavras fiz uma chamada à paz em Hiroxima. Chegou daquela cidade uma delegação para a paz, entre cujos membros se encontra um sobrevivente da explosão atómica. Caríssimos; Continuai sempre a vossa missão pela paz, porque os que trabalham pela paz serão chamados filhos de Deus.

Louvido seja Deus! Sinto-me feliz por acolher aqui o coro feminino de OMEI, muito famoso no Japão, e que está a dar uma série de concertos em vários lugares da Europa; recebo também o Instituto "Shoin Jogakuin", que inicia uma viagem de amizade entre os jovens de diversos países. A música e a amizade não têm confins. Animo-vos, pois, como já disse quando estive na vossa pátria, a ser instrumentos de concórdia e de paz cora todos aqueles com quem vos encontrais. Caríssimos jovens, começai agora a vossa viagem de amizade com a minha Bênção e sob a protecção da Mãe de Deus.

Agradeço-vos, por fim, de todo o coração terdes vindo aqui visitar-me, "Obrigado".

Deus seja louvado!

Aos peregrinos de língua alemã

Com os meus melhores votos de felizes férias para todos os peregrinos da Alemanha, Áustria, Suíça e Holanda, concedo a todos a minha Bênção Apostólica.

Aos peregrinos de língua espanhola

Saúdo hoje de modo especial a peregrinação das Escolas Pias de Saragoça vinda a Roma para celebrar o 250º aniversário de fundação.

Queridos filhos: como bons seguidores do grande apóstolo da juventude, São José de Calazans, continuai a trabalhar com renovado esmero e entrega no campo da educação, a fim de que, abraçando como programa de vida a mensagem cristã, os jovens e com eles a sociedade actual

respondam plenamente aos desígnios de Deus que são os de justiça, de amor e de paz. A todos a minha cordial Bênção.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana